



A RELEVÂNCIA DA ORAÇÃO NA TEOLOGIA DE CALVINO¹

THE RELEVANCE OF THE PRAYER IN CALVIN'S THEOLOGY

Hermisten Maia Pereira da Costa

Professor e pesquisador da Escola Superior de Teologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: *hermisten@terra.com.br*

¹ Palestra proferida no dia 3 de abril de 2006, durante a Semana Teológica da Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, realizada no período de 3 a 7 de abril de 2006.

Esta é uma filosofia misteriosa, oculta e velada, e não pode ser entendida por meio de silogismos; mas a compreendem aqueles a quem o Senhor abriu os olhos, para que, em Sua luz, enxergassem claramente (CALVINO, 1541, III.9).

Assim, o que resta é que o homem busque em Deus e lhe peça em oração o que sabe existir em Deus. De outra forma, orar e invocá-lo não tem proveito algum, mesmo sabendo que Deus é o Senhor e distribuidor de todo o bem e que nos convida a pedir-lhe o que necessitamos. Seria como alguém, tendo conhecimento de um tesouro enterrado, o abandonasse pela indiferença, relutante em ter o trabalho de desenterrá-lo (CALVINO, 2003, p. 58).

RESUMO

Neste artigo, Costa, valendo-se de fontes primárias, sustenta que a prática da oração tem um lugar preponderante no pensamento de Calvino. Analisa a relação entre as Escrituras e a oração, demonstrando que o pensamento teológico de Calvino é permeado pela convicção de que as Escrituras se constituem no fundamento da oração e que a genuína Teologia deve estar a serviço da piedade cristã. Conclui que Calvino é um discípulo da Escritura na Escola do Espírito.

PALAVRAS-CHAVE

João Calvino; Oração; Piedade; Espírito Santo; Hermenêutica.

ABSTRACT

In this article, Costa starting from primary fonts states the practice of prayer has a very important place in Calvin's thought. He analyzes the relation between Scripture and prayer demonstrating that Calvin's theological thought is permeated with the conviction that the Scriptures are the base for prayer, and that the true theology must serve Christian piety. He concludes that Calvin is a Scripture disciple in the School of the Holy Spirit.

1. INTRODUÇÃO

Um dos aspectos curiosos nos escritos de Calvino (1509-1564) é o seu amplo e, em geral, preciso conhecimento dos clássicos da exegese bíblica, aos quais cita com abundância, especialmente a Crisóstomo (c. 347-407)², Agostinho (354-430) e Bernardo de Claraval (1090-1153) (cf. REID, 1992, p. 35-53; TAMBURELLO, 1994). Outro aspecto é o domínio de algumas das principais obras dos teólogos protestantes contemporâneos, tais como: Melanchthon (1497-1560) – a quem considera um homem de

“incomparável conhecimento nos mais elevados ramos da literatura, profunda piedade e outros dons” e que, por isso, “merece ser recordado por todas as épocas” (CALVIN, 1996, v. IX, p. xxi) –, Bucer (1491-1551) e Bullinger (1504-1575).

Contudo, o mais fascinante é o fato de que ele, mesmo se valendo dos clássicos – o que, aliás, nunca escondeu –, conseguiu seguir um caminho por vezes diferente, buscando na própria Escritura o sentido específico do texto: a Escritura interpretando a si mesma.

Calvino, entretanto, continua mais falado do que estudado. As repetições acadêmicas de supostos pontos centrais de sua teologia ou a respeito de sua personalidade continuam impunemente. O fato é que escapar de um clichê histórico-teológico é especialmente difícil³. Para que possamos ter uma visão mais clara da perspectiva de Calvino a respeito da oração e de sua relevância para a sua teologia, precisamos refletir um pouco sobre a sua forma de aproximação da Bíblia.

² “Quando comparados com os escritos de Crisóstomo, a maior parte dos escritores subseqüentes parecia prolixa” (SILVA, 2002, p. 245-246).

³ “A imagem de Calvino, organizador e disciplinador, como pai da frouxidão na ética social, é uma lenda” (TAWNEY, 1971, p. 113). Richard C. Halverson (1989, p. 15) faz comentário semelhante a respeito do estereótipo puritano.

2. DISCÍPULO DA ESCRITURA NA ESCOLA DO ESPÍRITO

Não é igreja aquela que, ultrapassando os limites da Palavra de Deus, diverte-se em fazer novas leis e inventar novos modos de servir a Deus (Calvino, 1541, IV.15).

Quando dizemos ser esse o sentido da Lei, não estamos a impor uma interpretação nova, de nós mesmos; pelo contrário, estamos a seguir a Cristo, o melhor intérprete da Lei (Calvino, 1985, II.8.7).

2.1. ORAÇÃO E SUBMISSÃO

Em outro lugar, tratando da doutrina da eleição, escrevemos:

Esta doutrina deve ser estudada não com espírito armado e defensivo, mas em oração, com o desejo sincero de aprender de Deus a Sua Palavra, certos de que, através deste aprendizado, poderemos usufruir de modo consciente as bênçãos que Ele reservou para o Seu povo (COSTA, 2007).

O que se segue, é que esse assunto é para ser tratado pelo povo de Deus; não há nenhum sentido debates “acadêmicos” sem um coração novo: a revelação de Deus não visa satisfazer a nossa curiosidade ou perguntas acidentais da nossa vida; Deus sempre trata do que é vital para esta existência e para a vida por vir. Quando vemos a abordagem de Calvino a esse assunto, percebemos que a sua preocupação é fortemente pastoral e não especulativa⁴.

⁴ Philip Schaff (1819-1893), referindo-se a Calvino, diz que “seu principal interesse foi mais religioso do que metafísico. Ele achou nesta doutrina [predestinação] o apoio mais forte para a sua fé. Ele combinou com isto a certeza da salvação, que é o privilégio e conforto de todo crente. Neste ponto ele diferiu de Agostinho, que ensinou o conceito católico da incerteza subjetiva de salvação. Calvino fez da certeza, Agostinho a incerteza, um estímulo ao zelo e santidade” (SCHAFF; SCHAFF, 1996, v. VIII, p. 549. Ver também p. 561).

Ele nos instrui:

Quão perigoso para a Igreja é esse conhecimento que conduz às controvérsias, ou seja, o conhecimento que ignora a piedade e se preocupa só com a ostentação pessoal. Toda a assim chamada *teologia* especulativa dos papistas pertence a essa categoria (CALVINO 1988a, p. 232).

Não deixa de ser instrutivo e revelador o fato de Calvino (1989, III.20), na edição final das *Institutas* (1559), ter tratado desse assunto depois de um longo capítulo sobre a oração que, sozinho, é maior do que os quatro dedicados à doutrina da eleição⁵.

De forma figurada, Calvino (1996, p. 88) diz que “o coração de Deus é um ‘Santo dos Santos’, inacessível a todos os homens”, sendo o Espírito Quem nos conduz a Ele. Entendia que “com a oração encontramos e desenterramos os tesouros que se mostram e descobrem à nossa fé pelo Evangelho” (CALVINO, 1989, III.20.2)⁶, que “a oração é um dever compulsório de todos os dias e de todos os momentos de nossa vida” (CALVINO, 1999, v. 2, p. 410) e que “Os crentes genuínos, quando confiam em Deus, não se tornam por essa conta negligentes à oração” (CALVINO, 1999, v. 1, p. 633)⁷. Portanto, esse tesouro não pode ser negligenciado como se “enterrado e oculto no solo!” (CALVINO, 1989, III.20.1). “Agora, quanto é necessário, e de quantas maneiras o exercício da oração é útil para nós, não se pode explicar satisfatoriamente com palavras” (CALVINO, 2006, III.9). Aqui está o

⁵ Do mesmo modo, no *Catecismo de Genebra*, das 373 perguntas, Calvino dedica 63 à oração. Assim também, na *Instrução na fé* (2003), uma das seis partes é dedicada à oração (cf. SILVA, 2002, p. 256-257).

⁶ Em outros lugares, escreve: “Se devemos receber algum fruto de nossas orações, devemos também crer que os ouvidos de Deus não se fecharam contra elas” (CALVINO, 1999, v. 1, p. 133); “A genuína oração provém, antes de tudo, de um real senso de nossa necessidade, e, em seguida, da fé nas promessas de Deus” (CALVINO, 1999, v. 1, p. 34); “Nossas orações só são aceitáveis quando as oferecemos em submissão aos mandamentos de Deus e somos por elas animados a uma consideração da promessa que Ele tem formulado” (CALVINO, 1999, v. 2, p. 412). Comentando Rm 12:12, enfatiza que “a diligência na oração é o melhor antídoto contra o risco de soçobrarmos” (CALVINO, 1997b, p. 438).

⁷ “Quando a segurança carnal se haja assenhoreado de alguém, tal pessoa não pode entregar-se alegremente à oração até que seja feita maleável pela cruz e completamente subjugada. E esta é a vantagem primordial das aflições, ou seja, enquanto nos tornam conscientes de nossa miséria, nos estimulam novamente para suplicarmos o favor divino” (CALVINO, 1999, v. 1, p. 635).

segredo da Palavra de Deus, segundo a percepção de Calvino: estudo humilde⁸ e oração, atitudes que se revelam em nossa obediência a Cristo⁹.

Philip Schaff resume: “Absoluta obediência de seu intelecto à Palavra de Deus e obediência de sua vontade à vontade de Deus: essa foi a alma de sua religião” (cf. SCHAFF; SCHAFF, 1996, v. VIII, p. 310; SCHAFF, 1931, v. I, p. 448). “A oração tem primazia na adoração e no serviço a Deus” (CALVINO, 2000, v. 1, p. 371). Daí o seu conselho: “A não ser que estabeleçamos horas definidas para a oração, facilmente negligenciaremos a prática” (CALVINO, 2000, v. 1, p. 375). No entanto, devemos ter sempre presente o fato de que é o Espírito “Quem deve prescrever a forma de nossas orações” (CALVINO, 1997b, p. 291).

Calvino (1962, perg. 240) observou que na oração “a língua nem sempre é necessária, mas a oração verdadeira não pode carecer de inteligência e de afeto de ânimo”.

O primeiro, que sintamos nossa pobreza e miséria, e que este sentimento gere dor e angústia em nossos ânimos. O segundo, que estejamos inflamados com um veemente e verdadeiro desejo de alcançar misericórdia de Deus, e que este desejo acenda em nós o ardor de orar (CALVINO, 1962, perg. 243).

2.2. TODO O DESÍGNIO DE DEUS

Calvino não sentia a necessidade de explicar todas as partes das Escrituras, sentia-se, sim, no dever pastoral de ensinar tudo o que as Escrituras ensinavam. A aceitação do paradoxo ou antinomia faz parte da própria limitação nossa dian-

⁸ Calvino (1985, II.2.11) cita Agostinho: “Se me interrogues acerca dos preceitos da religião cristã, primeiro, segundo e terceiro, aprazer-me-ia responder sempre: a humildade”. “Ao cultivarmos a bondade fraternal, é mister que comecemos com a humildade. [...] Será inútil a mansidão, a menos que tenhamos iniciado com a humildade” (Calvino, 1998b, p. 108).

⁹ “Sempre que a carne, ou seja, a corrupção natural, governa uma pessoa, ela toma posse de sua mente para que a sabedoria divina não logre entrada. Em razão disto, se porventura desejamos lograr algum progresso na escola do Senhor, devemos antes renunciar nosso próprio entendimento e nossa própria vontade” (CALVINO, 1996, p. 100). “Os filósofos pagãos põem a razão como o único guia de vida, de sabedoria e conduta, porém a filosofia cristã demanda que rendamos nossa razão ao Espírito Santo, o que significa que já não mais vivemos para nós mesmos, senão que Cristo vive e reina em nós. Ver Rm 12:1; Ef 4:23; Gl 2:20” (CALVIN, 1977, p. 22).

te da Revelação de Deus. A Escritura é suficientemente clara, mas não absolutamente clara em todas as coisas.

Calvino jamais considerou tarefa da teologia conciliar aparentes paradoxos, os quais, para ele, eram os mistérios centrais das Escrituras (CALVINO, 1997b, p. 201-202). Dowey Jr. (1952, p. 39-40) comenta:

Calvino, pois, estava plenamente convencido de que havia alto grau de clareza e compreensibilidade nos temas individuais da Bíblia, mas estava, também, tão submisso ante o mistério divino a ponto de preferir criar uma teologia contendo muitas inconsistências de lógica, ao invés de optar por um todo racionalmente coerente. [...] Clareza de temas individuais, incompreensibilidade de suas inter-relações – essa é a marca registrada da teologia de Calvino.

Calvino (1997a, p. 143) entende que a prática de afastar o povo da Palavra, mantendo-o na ignorância, é uma atitude anticristã e altamente prejudicial:

Daqui se faz evidente que espécie de cristianismo existe dentro do papado, onde não só é a crassa ignorância exaltada em nome da simplicidade, mas também o povo é rigidamente proibido de buscar o real discernimento.

Ao mesmo tempo lamenta que nem todos, mesmo tendo oportunidade, têm usado deste privilégio: o estudo das Escrituras.

A Palavra de Deus, a única norma do genuíno discernimento, a qual é aqui declarada como indispensável a todos os cristãos. Mesmo entre os que já foram libertados de tão diabólica proibição e que já desfrutam da liberdade de aprender, há, não obstante, indiferença tanto em ouvir quanto em ler. Quando negligenciamos tal disciplina, nos tornamos insensíveis e destituídos de todo e qualquer discernimento (CALVINO, 1997a, p. 143).

2.3. A PALAVRA SUFICIENTE

A Palavra de Deus oferece-nos o escopo de nosso pensar e agir. Por meio dela poderemos ter uma real visão de Deus, de nós mesmos e do mundo. Portanto, uma cosmovisão refor-

mada é uma visão que se esforça por interpretar a chamada realidade pela ótica das Escrituras. Sem as Escrituras, permanecemos míopes para distinguir as particularidades do real, tendo uma epistemologia desfocalizada. Calvino (1985, I.6.1) usa de uma figura que continua atual:

Exatamente como se dá com pessoas idosas, ou enfermas de olhos, e quantos quer que sofram de visão embaçada, se puseres diante deles até mui vistoso volume, ainda que reconheçam ser algo escrito, mal poderão, contudo, ajuntar duas palavras; ajudadas, porém, pela interposição de lentes, começarão a ler de forma mais distinta. Assim a Escritura, coletando-nos na mente conhecimento de Deus de outra sorte confuso, dissipada a escuridão, mostra-nos em diáfana clareza o Deus verdadeiro.

A Palavra de Deus sempre cumpre o objetivo para o qual nos foi concedida. Escreve Calvino (1997a, p. 110):

Se alguém presume que a Palavra de Deus ecoa no vazio, ao ser proclamada, esse tal está fazendo uma grande confusão. Essa Palavra é algo vivo e cheio de poder secreto, a qual não deixa nada no homem que não seja tocado. A suma de tudo isso é que tão logo Deus abra seus santos lábios, todos os nossos sentidos também devem abrir-se para receber a sua Palavra, porque não faz parte da sua vontade permitir que suas palavras sejam semeadas em vão, nem tampouco feneçam ou desapareçam no solo da vida, senão que desafiem eficazmente as consciências humanas, até que as tragam jungidas ao seu domínio. Ele, pois, dotou sua Palavra com tal poder, que a mesma perscrute cada área de nossa alma, para revelar os escrutínios dos pensamentos, para decidir entre as afeições e para manifestar-se como juiz.

Calvino (1985, 1.6.2) está convencido de que ninguém pode “provar sequer o mais leve gosto da reta e sã doutrina, a não ser aquele que se haja feito discípulo da Escritura”¹⁰ e que “só quando Deus irradia em nós a luz de seu Espírito é que a Palavra logra produzir algum efeito” (CALVINO, 1997b, p. 374). Portanto, “O conhecimento de todas as ciências não passa de fumaça quando separada da ciência celestial de Cristo” (CALVINO, 1996, p. 60). Daí o seu estilo inconfundível,

¹⁰ Os verdadeiros discípulos da Escritura tornam-se “discípulos da Igreja” (CALVINO, 1998b, p. 126).

evitando discussões filosóficas¹¹ e sutilezas gramaticais (CALVINO, 1985, II.2.7; 1998a, p. 233 e 320) – fugindo sabiamente da aridez escolástica¹² –, de certos refinamentos exegéticos ou especulativos, de questões periféricas (CALVINO, 1996, p. 361), bem como da eloqüência frívola (CALVINO, 1996, p. 56), que, quando muito servem apenas para revelar “erudição” ou “simplória invenção”, não contribuem para esclarecer o texto e edificar o povo de Deus¹³.

Deus nos deu sua Palavra na qual, quando fincamos bem as raízes, permanecemos inamovíveis; os homens, porém, fazendo uso de suas invenções, nos extraviam em todas as direções (CALVINO, 1998b, p. 128-129).

-
- ¹¹ Ver Calvino (1997b, p. 12-13). Ainda que não temesse a Filosofia, entendendo inclusive, que toda verdade provém de Deus (CALVINO, 1985, II.2.15; 1998a, p. 318).
- ¹² Schaff, após elogiar a erudição de Calvino, diz que a “sua teologia, entretanto, é mais bíblica que escolástica, e tem todo o frescor da devoção entusiástica para com as verdades da Palavra de Deus” (SCHAFF; SCHAFF, 1996, v. VIII, p. 261; SCHAFF, 1931, v. I, p. 458).
- ¹³ Justificando o seu estilo, que não seria o mais apetecível àqueles que desejavam grande acervo de material, diz: “[...] nada é mais importante do que granjear o respeito que produza a edificação da Igreja” (CALVINO, 1999, v. 1, p. 48). Em 26 de janeiro de 1559, Calvino escreve a Dedicatória do seu comentário do Livro de Oséias. Nas palavras dirigidas ao rei Gustavo da Suécia, confessa: “[...] porque há muito tempo aprendi a não cortejar o aplauso do mundo. [...] Se Deus me dotou com alguma inteligência para a interpretação da Bíblia, eu estou completamente convencido de que tenho fiel e cuidadosamente procurado excluir todo e quaisquer refinamentos estéreis, porém procuro ser aceitável, agradável e adequável às pessoas, preservando a genuína simplicidade, adaptada firmemente à edificação dos filhos de Deus que, não estando contentes com a casca, desejem penetrar no núcleo” (Calvin, 1996, v. XIII, p. XVIII-XIX) Ver também Calvino (1999, v. 2, p. 228; 1996, p. 50 ss.).
- ¹⁴ “Tudo o que não edifica deve ser rejeitado, ainda que não tenha nenhum outro defeito; e tudo o que só serve para suscitar controvérsia deve ser duplamente condenado. Tais são todas as questões sutis nas quais os homens ambiciosos praticam suas habilidades. É mister que lembremos de que todas as doutrinas devem ser comprovadas mediante esta regra: aquelas que contribuem para a edificação devem ser aprovadas, mas aquelas que ocasionam motivos para controvérsias infrutíferas devem ser rejeitadas como indignas da Igreja de Deus. Se este houvera sido aplicado há muitos séculos, então, ainda que a religião viesse a se corromper por muitos erros, ao menos a arte diabólica das controvérsias ferinas, a qual recebeu a aprovação da teologia escolástica, não haveria prevalecido em grau tão elevado. Pois tal teologia outra coisa não é senão contendas e vãs especulações sem qualquer conteúdo real de valor. Por mais versado um homem seja nela, mais miserável o devemos considerar. Estou cômico dos argumentos plausíveis com que ela é defendida, mas jamais descobrirão que Paulo haja falado em vão ao condenar aqui tudo quanto é da mesma natureza. [...] Sutilezas desse gênero edificam os homens na soberba e na vaidade, mas não em Deus” (CALVINO, 1998a, p. 30). Conclui o seu comentário de 1 Timóteo, com essas palavras: “Caso não queiramos ser terrificados pela idéia de apostasia da fé, então que nos apeguemos à Palavra de Deus em sua integridade e detestemos a sofisticada e com ela todas as sutilezas que são odiosas corrupções da piedade” (CALVINO, 1998a, p. 187). Ver também Calvino (1985, I.14.4; 1998a, p. 263).

Aliás, o critério estabelecido por Calvino para avaliar a doutrina é a sua edificação para a Igreja¹⁴. Isso não significa que ele considerasse má a retórica e a erudição:

[...] a eloquência não se acha de forma alguma conflitante com a simplicidade do Evangelho quando, livre do desprezo dos homens, não só lhe dá o lugar de honra e se põe em sujeição a ele, mas também o serve como uma empregada à sua patroa” (CALVINO, 1996, p. 55)¹⁵.

No entanto: “Para que possa haver eloquência, devemos estar sempre em alerta a fim de impedir que a sabedoria de Deus venha sofrer degradação por um brilhantismo forçado e corriqueiro” (CALVINO, 1996, p. 91). A eloquência “é um dom muito excelente, mas que, quando se vê divorciado do amor, de nada serve para alguém obter o favor divino” (CALVINO, 1996, p. 394). Em outro lugar, respondendo a uma possível pergunta referente à possibilidade de Paulo estar condenando a sabedoria de palavras como algo que se acha em oposição a Cristo (1 Co 1;17), orienta:

[...] Paulo não seria tão irracional que condenasse como algo fora de propósito aquelas artes, as quais, sem a menor dúvida, são esplêndidos dons de Deus, dons estes que poderíamos chamar de *instrumentos* para auxiliarem os homens no desempenho de suas atividades nobres. Portanto, não há nada de irreligioso nessas artes, pois são detentoras de ciência saudável, e estão subordinados a princípios verdadeiros; e visto que são úteis e adequáveis às atividades gerais da sociedade humana, é indubitável que sua origem está no Espírito. Além do mais, a utilidade que é derivada e experienciada delas não deve ser atribuída a ninguém, senão a Deus. Portanto, o que Paulo diz aqui não deve ser considerado como um desdouro das artes, como se estas estivessem agindo contra a religião (CALVINO, 1996, p. 53-54).

¹⁵ “Demais, ninguém terá por genuína a verdade que se apóia na excelência da oratória. Naturalmente que a oratória pode servir de auxílio para a verdade, mas esta não pode depender daquela” (CALVINO, 1996, p. 79). “Não existe nada de grandioso em alguém ser adepto de uma elocução fluente quando o tal nada emite senão sons vazios! Portanto, aprendamos que a atratividade lingüística meramente superficial, e a habilidade na transmissão do ensino, são como um corpo bem formado e saudável na aparência, enquanto que o poder de que Paulo fala aqui é como a alma” (CALVINO, 1996, p. 148-149). “Embora o Salmo contenha muitas coisas que são geralmente conhecidas, todavia ele ilustra com todo esplendor e ornamento de retórica, para que possa afetar ainda mais poderosamente os corações dos homens e adquirir para si uma autoridade ainda maior” (CALVINO, 2002, v. 3, p. 197).

A questão está em não usar desses meios como a força do Evangelho, esquecendo-se de sua simplicidade que é-nos comunicada pelo Espírito:

Não devemos condenar nem rejeitar a classe de eloquência que não almeja cativar cristãos com um requinte exterior de palavras, nem intoxicar com deleites fúteis, nem fazer cócegas em seus ouvidos com sua suave melodia, nem mergulhar a *Cruz de Cristo* em sua vã ostentação (CALVINO, 1996, p. 55)¹⁶.

“O Espírito de Deus também possui uma eloquência particularmente sua” (CALVINO, 1996, p. 56). Continua:

[...] a eloquência que está em conformidade com o Espírito de Deus não é bombástica nem ostentosa¹⁷, como também não produz um forte volume de ruídos que equívalem a nada. Antes, ela é genuína e eficaz, e possui muito mais sinceridade do que refinamento (CALVINO, 1996, p. 56).

2.4. O ESPÍRITO E A PALAVRA

“A função peculiar do Espírito Santo consiste em gravar a Lei de Deus em nossos corações” (CALVINO, 1999,

¹⁶ “Deus quer que sua Igreja seja edificada com base na genuína pregação de sua Palavra, não com base em ficções humanas. [...] Nesta categoria estão questões especulativas que geralmente fornecem mais para ostentação – ou algum louco desejo – do que para a salvação de homens” (CALVINO, 1996, p. 112). “A pregação de Cristo é nua e simples; portanto, não deve ela ser ofuscada por um revestimento dissimulante de verbosidade” (CALVINO, 1996, p. 54). “[A] fé saudável equivale à fé que não sofreu nenhuma corrupção proveniente de fábulas” (CALVINO, 1998a, p. 320). “Se porventura desejarmos conservar a fé em sua integridade, temos de aprender com toda prudência a refrear nossos sentidos para não nos entregarmos a invencionices estranhas. Pois assim que a pessoa passa a dar atenção às fábulas, ela perde também a integridade de sua fé” (CALVINO, 1998a, p. 320). *O diretório de culto de Westminster* (2000, p. 40), ao abordar o ministério pastoral, diz que na pregação o ministro deve desempenhar a sua tarefa “claramente, para que o mais simples possa entender, expondo a verdade, não em palavras sedutoras de sabedoria humana, mas na demonstração do Espírito e do poder, para que a cruz de Cristo não seja tornada ineficaz; abstendo-se também de um uso sem proveito de línguas desconhecidas, frases estranhas, e cadência de sons e palavras; citando bem poucas vezes sentenças de escritores teológicos ou outros humanistas, antigos ou modernos, por mais elegantes que sejam”.

¹⁷ “Pois ninguém é mais radical do que os mestres desses discursos bombásticos, quando fazem pronunciamentos precipitados sobre coisas das quais nada sabem” (CALVINO, 1998a, p. 34).

v. 2, p. 228)¹⁸. É o Espírito Quem nos ensina por meio das Escrituras (CALVINO, 1985, I.9.3); esta é “a escola do Espírito Santo” (CALVINO, 1989, III.21.3; 1541, IV.12)¹⁹, que é a “escola de Cristo” (CALVINO, 1998b, p. 133), “escola do Senhor” (CALVINO, 1996, p. 55 e 100), “escola do Filho de Deus” (CALVIN, 1998). A Igreja é a “escola de Deus” (CALVINO, 1998a, p. 136; 2000, v. 1, p. 190). O Espírito é o “Mestre” (CALVINO, 1997b, p. 58), “o melhor mestre” (CALVINO, 1989, IV.17.36)²⁰, “ótimo Mestre” (CALVINO, 1541, IV.12), o “Mestre interior” (CALVINO, 1989, III.1.4, IV.14.9). Calvino fala também da “escola do céu” (CALVIN, 1996, v. III, p. 328). “O Espírito de Deus, de quem emana o ensino do evangelho, é o único genuíno intérprete para no-lo tornar acessível” (CALVINO, 1996, p. 93). A Palavra é, “mediante o Espírito, eficazmente impressa nos corações” (CALVINO, 1985, I.9.3).

[...] é Ele que nos ilumina com a Sua luz para nos fazer entender as grandezas da bondade de Deus, que em Jesus Cristo possuímos. Tão importante é o Seu ministério que com justiça podemos dizer que Ele é a chave com a qual são abertos para nós os tesouros do reino celestial, e que a Sua iluminação são os olhos do nosso entendimento, que nos habilitam a contemplar os mencionados tesouros. Por essa causa Ele é agora chamado Penhor e Selo, visto que sela em nosso coração a certeza das promessas. Como também agora Ele é chamado mestre da verdade, autor da luz, fonte de sabedoria, conhecimento e discernimento (CALVINO, 1541, II.4).

¹⁸ “O ensino interno e eficaz do Espírito é um tesouro que lhes pertence de forma peculiar. [...] A voz de Deus, aliás, ressoa através do mundo inteiro; mas ela só penetra o coração dos santos, em favor de quem a salvação está ordenada” (CALVINO, 1999, v. 2, p. 229).

¹⁹ Sobre o testemunho do Espírito, ver Calvino (1985, I.7.4-5, I.9.3). Calvino pode com razão ser chamado de o Teólogo da Palavra e do Espírito Santo. Schaff diz que a “teologia de Calvino está baseada sobre um perfeito conhecimento das Escrituras” (SCHAFF; SCHAFF, 1996, v. VIII, p. 261). Murray (1976, p. 311), não isoladamente, declara: “Calvino tem sido corretamente chamado de o teólogo do Espírito Santo”. O primeiro a assim designá-lo foi o teólogo presbiteriano B. B. Warfield (1956, p. 21-24, 107). Ver também Berkhof (1969, p. 23), Lloyd-Jones (1998, p. 13), Hesselink (1999, p. 339) e Ferguson (2000, p. 10).

²⁰ Calvino (1985, I.9.1) diz que quem rejeita o “magistério do Espírito” é desvairado.

Portanto, “Se porventura desejamos lograr algum progresso na escola do Senhor, devemos antes renunciar nosso próprio entendimento e nossa própria vontade” (CALVINO, 1986, p. 100). “Nossa oração a Deus deve ser no sentido de desimpedir nossa vista e nos capacitar para a meditação sobre suas obras” (CALVINO, 2002, v. 3, p. 465).

3. TEOLOGIA A SERVIÇO DA EDIFICAÇÃO

Em 1548²¹ Calvino (1998a, p. 174) comentando a Primeira Epístola de Paulo a Timóteo, falando da seriedade da confissão de Cristo, que significou a sua entrega em favor do Seu povo, extrai uma lição prática que deve orientar o nosso testemunho e, diria mais, o nosso labor teológico: “Não estamos assentados aos pés de Platão²² com o fim de aprender filosofia e a ouvi-lo discorrer à sombra sobre controvérsias inúteis, senão que a doutrina que professamos foi ratificada pela morte do Filho de Deus”. Ele era avesso a especulações fruto de nossa imaginação. A teologia está relacionada à vida prática. Questionar por questionar é algo sem sentido e nocivo. Portanto, o teólogo deve ter cuidado para não cair nessa armadilha:

Visto que todos os questionamentos supérfluos que não se inclinam para a edificação devem ser com toda razão suspeitos

²¹ Data da primeira edição (cf. PARKER, 1993, p. 22-23, 208).

²² Isso não significa que Calvino fosse avesso à filosofia ou, no caso específico, a Platão. Pelo contrário, ele sabia reconhecer as contribuições da filosofia e de filósofos para o seu pensamento (ver CALVINO, 1996, p. 414). Na Academia de Genebra, estudavam-se autores gregos e latinos, tais como: Heródoto, Xenofonte, Homero, Demóstenes, Plutarco, Platão, Cícero, Virgílio, Ovídio, entre outros (cf. SCHAFF; SCHAFF, 1996, v. 8, p. 805; WALLACE, 1990, p. 99). Nas *Institutas*, escreveu: “Admito que a leitura de Demóstenes ou Cícero, de Platão ou Aristóteles, ou de qualquer outro da classe deles, nos atrai maravilhosamente, nos deleita e nos comovem ao ponto de nos arrebatarem” (CALVINO, 1541, I.24) [Ver comentário sobre 1541]. Calvino (1989, I.5.11) considerava Platão “entre todos o mais religioso [filósofo] e particularmente sóbrio”. A sua crítica, em geral, concentrava-se na distância havida entre as pretensões da filosofia e as suas limitações nem sempre percebidas (cf. CALVINO, 1997b, p. 420-421; 1997a, p. 105; 1996, p. 64; CALVIN, 1977, p. 12-13, 22. Ver também Campos (2000, p. 51).

e mesmo detestados pelos cristãos piedosos, a única recomendação legítima da doutrina é que ela nos instrui na reverência e no temor de Deus. E assim aprendemos que o homem que mais progride na piedade é também o melhor discípulo de Cristo, e o único homem que deve ser tido na conta de genuíno teólogo é aquele que pode edificar a consciência humana no temor de Deus (CALVINO, 1998a, p. 300).

O silêncio de Deus deve propiciar o nosso silêncio reverente. Não busquemos insanamente ultrapassar o revelado, isso significaria tentar ir além de Deus:

Eis um bom marco memorial da sobriedade: Se em nossa aprendizagem ou em nosso ensino seguirmos a Deus, tenhamos-lo sempre adiante de nós. Contrariamente, se Ele parar de ensinar, paremos de querer continuar a ouvir e a entender (CALVINO, 1541, III.8)²³.

A preocupação teológica deve ater-se à edificação da Igreja (CALVINO, 1998a, p. 30). Falar sobre teologia até o diabo pode fazê-lo, enganando a muitos, fazendo-os seus discípulos:

Ele [diabo] está constantemente buscando perverter e corromper a verdade de Deus; mas, no que diz respeito a princípios gerais, ele pode pôr verniz enganoso nas coisas e passar-se por um teólogo suficientemente perspicaz (CALVINO, 2002, v. 3, p. 452).

A sua teologia nada mais era do que um esforço por comentar as Escrituras²⁴; por isso, sua obra pode ser corretamente chamada de uma “teologia bíblica” (MCGRATH,

²³ Ver, por exemplo: Calvino (1541, I.14; 1985, I.2.2, I.5.9, I.9.3, I.14.3; 1989, III.21.4, III.23.8, III.25.6,11, IV.17.36; 1997b, p. 330; 1996, p. 112; 1995, p. 242, 243; 1998a, p. 30, 263, 300 e 355).

²⁴ Esse comentário bíblico não significa o uso apenas de termos bíblicos para expressar o seu ensinamento, mas, sim, o domínio do pensamento bíblico (CALVINO, 1985, I.13.3).

1994, p. 71)²⁵ certamente escrita por um teólogo sistemático²⁶ que tão bem sabia se valer dos recursos da exegese e da hermenêutica, dispondo tudo isso de forma erudita e devocional²⁷. Por isso, a história dos Comentários Bíblicos de Calvino e a das sucessivas edições das *Institutas* se confundem e se completam²⁸. A sua exegese era teologicamente orientada, e a sua teologia estava amparada em uma sólida exegese bíblica.

Calvino não era apenas um grande conhecedor teórico das Escrituras. A sua vida se pautava pela compreensão da Palavra. A oração é um ingrediente fundamental em todo o seu sistema e labor. Durante três vezes por semana, em semanas alternadas, ele fazia preleções sistemáticas sobre os livros das Escrituras. Cada palestra era iniciada com uma breve oração e concluída com uma pequena oração relacionada com o tema do texto exposto. Os seus sermões também eram con-

²⁵ “Calvino é um teólogo bíblico. A primeira e mais importante fonte de suas idéias religiosas era a Bíblia. A obra de Calvino como um comentarista bíblico serve para reforçar a impressão geral que se tem por meio de uma leitura atenta das *Institutas*: que ele se considera como um expositor obediente da Bíblia” (Mcgrath, 1991 p. 150-151). Ver também Schaff (1931, v. I, p. 458). Reid (1988-1990, v. 1, p. 225) acentua: “Calvino era primariamente um teólogo bíblico”. Murray (1997, p. 4) acrescenta: “Calvino foi um exegeta e teólogo bíblico de primeira linha”. Barth (1969, p. 83) diz que os sermões de Calvino “são excelentes explicações da Escritura”.

²⁶ Curiosamente McGrath (1991, p. 150) escreveu: “Ele [Calvino] foi inquestionavelmente um pensador sistemático, que plenamente reconheceu a necessidade de garantir consistência interna entre os vários componentes de seu pensamento”. George (1994, p. 178) chama a obra de Calvino de “enorme tomo e tesouro da dogmática protestante”. Por sua vez, Biéler (1990, p. 192) opina: “Esta obra magistral, que perdura como uma das mais lúcidas e mais vigorosas sumas teológicas da história cristã, espalha-se por toda a Europa”. Schaff e Schaff (1996, v. 8, p. 260) afirmam que “Calvino foi, antes de tudo, um teólogo”. Schaff (1931, v.1, p. 446) acrescenta que Melancthon denominou com grande ênfase Calvino “o Teólogo”. Ver também Halsema (1968, p. 112, 117). Esse título fora dado ao apóstolo João e a Gregório de Nazianzo, especialmente por sua defesa da divindade de Cristo (distinção homologada em Calcedônia, 451) (cf. SCHAFF; SCHAFF, 1996, v. 8, p. 261; WEINRICH, 1988-1990, v. II, p. 226; GOMES, 1980, p. 245; CHAMPLIN; BENTTES, 1991, v. 2, p. 979).

²⁷ “A *Institutio* não é somente uma obra-prima de teologia Cristã; ela é um clássico devocional” (MURRAY, 1976, v. 1, p. 311). Ver também Murray (1998, p. 6).

²⁸ Aliás, Calvino desejava que a *Instituição* fosse lida em conjunto com os comentários. Ver Prefácio à edição latina a partir da segunda edição (1539) e o Prefácio à edição francesa (1560) (Calvin, 1955, v. I, p. XIX). Também algumas vezes ele nos remete para seus sermões (cf. CALVINO, 1998a, p. 67, 92, 124; 1998b, p. 105, 110).

cluídos com oração, neste caso mais extensa (cf. MCKEE, 2001, p. 220 e 240)²⁹.

4. A ORAÇÃO COMO ATO DE ELEVAR-SE

“Nada tende a produzir mais a devida reverência a Deus do que quando nos sentamos em sua presença” (CALVINO, 1999, v. 2, p. 623). As orações não dirigidas a Deus constituem uma grave ofensa a Ele:

[...] os papistas, saciem-se o quanto possam em suas genufleções diante de Deus, o fato é que o roubam da principal parte de sua glória quando dirigem suas súplicas aos santos (CALVINO, 1999, v. 2, p. 412)³⁰.

Quando oramos, devemos ter o senso da Majestade de Deus.

Deus nos é colocado acima de todo e qualquer lugar, a fim de que, quando quisermos buscá-lo, nos elevemos acima de todos os sentidos da nossa alma e do nosso corpo (CALVINO, 1541, III.9).

Ao orarmos, “sejamos despertados a adorar com temor e reverência sua gloriosa majestade” (CALVINO, 1962, perg. 265). Daí que

a primeira lei para instituir-se bem e devidamente a oração seja tal que não tenhamos mente e disposição de ânimo que não sejam convenientes aos que entram em conversa com Deus. O que se fará quando, com a mente desembaraçada de todas as solitudes e cogitações carnis pelas quais poderia ser desviada e impedida de considerar bem e puramente a Deus, o crente não só se aplicar totalmente à intenção de orar, mas também, fazendo o que puder, elevar-se acima de si próprio. Todavia, não entendo que se deve exigir que ele esteja de tal

²⁹ Ver diversos textos de suas orações em Mckee (2001, p. 221 et seq., 241 et seq.).

³⁰ Mais detalhes podem ser encontrados em Calvino (1989, III.20.21-27).

maneira livre de preocupações que nenhuma solicitude o esmurre ou o provoque. Porquanto, o que antes e ao contrário é necessário é que o ardor da oração seja inflamado em nós pela angústia e por grande aflição. Exemplos disso vemos nos santos servos de Deus, que se mostram em espantoso tormento e, ainda mais fortemente, revelam grande e solícita inquietação, ao dizerem que elevam sua voz ao Senhor, da profundidade dos abismos e do sorvedouro da morte. Mas entendo que se deve lançar para longe todas as inquietações estranhas que só se prestam para fazer a mente ficar vacilante e, sendo afastada do céu, cair em depressão e afundar na terra (CALVINO, 1541, III.9)³¹.

Em outro lugar:

Enquanto os homens nutrirem alguma sombra de dúvida se seus gemidos chegarão à presença de Deus, serão mantidos em constante inquietude e medo, que em demasia agrilhoam e mantêm cativas suas mentes, ao ponto de não conseguirem elevar suas almas a Deus (CALVINO, 1999, v. 2, p. 183).

Esse “elevar-se” envolve o senso de reverência diante de Deus que se expressa também naquilo que pedimos:

em geral os homens se atrevem, sem nenhum pudor e sem reverência, a fazer de Deus uma testemunha das suas loucuras, e a apresentar impudentemente diante do Seu trono tudo o que lhes tem sido agradável, até em sonho. E em muitos há tão grande bestialidade ou loucura que eles ousam expor a Deus suas cobiças tão vis que eles teriam vergonha de manifestá-las aos homens (CALVINO, 1541, III.9)³².

Para que o ser humano se aproxime de Deus, deve antes elevar-se acima de si próprio e do mundo. Eis a razão por que os sofistas recusam admitir que podemos sentir-nos seguros na graça de Deus (CALVINO, 1998b, p. 104).

³¹ “Quando a segurança carnal se haja assenhoreado de alguém, tal pessoa não pode entregar-se alegremente à oração até que seja feita maleável pela cruz e completamente subjugada. E esta é a vantagem primordial das aflições, ou seja, enquanto nos tornam conscientes de nossa miséria, nos estimulam novamente para suplicarmos o favor divino” (CALVINO, 1999, v. 1, p. 635).

³² Ver também Calvino (1962, perg. 253).

Comentando o *Pai-Nosso*, interpreta:

Quando pedimos na oração que o nome de Deus seja santificado, não devemos fazer essa petição tendo em vista algum proveito para nós, mas somente tendo em consideração a glória de Deus, sem nenhum outro interesse, fim ou intenção. E, contudo, essa mesma petição redundará em nosso proveito e utilidade. Porque, quando pedimos dessa maneira que o nome de Deus seja santificado, paralelamente é feito benefício à nossa santificação. Mas, como foi dito, nem nesse proveito devemos pensar quando fazemos a primeira petição. De tal modo deve ser assim que, ainda que fosse excluído todo o nosso proveito e que nada recebêssemos de Deus em resposta à oração, não devemos deixar de desejar e pedir em oração esta santificação do nome de Deus, bem como as outras coisas semelhantes que pertencem à Sua glória (CALVINO, 1541, III.9)³³.

[...]

Dizer “Que estás nos céus” é o mesmo que dizer que Ele é caracterizado por grandeza e profundidade infinita, essência incompreensível, poder inenarrável e imortalidade eterna. Por essa causa, essa expressão deve mover-nos a elevar o nosso coração e o nosso espírito, quando pensamos em Deus, de molde a não imaginar nele nada que seja carnal ou terreno, e a não querer regulá-lo ou medi-lo conforme a nossa razão mundana, nem sujeitá-lo aos nossos sentimentos³⁴; antes, reconhecendo que Ele é eterno e imutável, sem nunca ferir ou variar a Sua boa vontade e sem desamparar os Seus, e que Ele é quem governa e domina como Senhor todas as coisas. Reconhecendo e proclamando, ainda, que Ele estende a Sua virtude, o Seu poder e a Sua majestade por toda parte e a acima de tudo quanto existe; que Ele é o Senhor de todos os bens, os quais nos distribui; e que domina soberanamente todo mal, a nós contrário, e dele nos livra e guarda (CALVINO, 1541, III.9).

³³ Ver também Calvino (1962, perg. 259).

³⁴ Segundo Calvino, o problema está no padrão que o homem estabelece para Deus: ele O analisa partindo de si mesmo, do seu gosto e preferências, não percebendo o salto qualitativo entre nós, pecadores que somos, e o soberano Deus, o Senhor da Glória. “Os homens se dispõem naturalmente a exibição exterior da religião, e, medindo Deus segundo a própria medida deles, imaginam que alguma atenção para as cerimônias constitui a suma de seu dever” (CALVINO, 1999, v. 2. p. 398). “Tal é a característica do mundo, sempre imaginando que Deus pode ser cultuado de uma forma carnal, como se Ele mesmo fosse carnal” (CALVINO, 1998a, p. 110).

Assim, mesmo que a nossa oração seja de súplica pela nossa vida e a de nossos familiares, ela deverá ser sempre teocêntrica:

Não oraremos de uma maneira correta a menos que a preocupação por nossa própria salvação e zelo pela glória de Deus sejam inseparavelmente entrelaçados em nosso exercício (CALVINO, 2002, v. 3, p. 259).

Quando oramos, sabemos que estamos falando com o nosso Pai. Dessa forma, a oração é uma prerrogativa dos que estão em Cristo. Somente os que estão em Cristo pela fé têm a Deus como o seu legítimo Pai (Jo 1:12; Rm 8:14-17; Gl. 4:6; 1 Jo 3:1-2). De onde se segue que esta oração (*Pai-Nosso*), apesar de não mencionar explicitamente o nome de Cristo, é feita no Seu nome, visto que somos filhos de Deus – e é nesta condição que nos dirigimos a Deus –, através de Cristo Jesus (Gl 3:26) (cf. CALVINO, 1989, III.20.36). Portanto, quando oramos o *Pai-Nosso* sinceramente, na realidade estamos orando no nome de Jesus Cristo, pois foi Ele mesmo quem nos ensinou a fazê-lo. Assim, devemos, pelo Espírito – nosso intercessor –, no nome de Jesus – nosso Mediador –, orar: “Pai nosso que estás no céu [...]”.

5. A PALAVRA COMO COMBUSTÍVEL DE NOSSAS ORAÇÕES

Assim como a preservação do fogo requer que se ponha combustível com frequência, assim o exercício da oração requer o socorro de tais auxílios, para que ela não se desvança e por fim venha a se extinguir totalmente (CALVINO, 1999, v. 1, p. 547).

O combustível mencionado por Calvino é a consideração sobre a bondade munificente de Deus. Meditar sobre os atos de bondade de Deus conforme expressos em Sua Palavra e sobre o Seu cuidado para conosco é um estímulo à oração com “fervor renovado”. “A nossa fé se ampara no poder de Deus, tendo as suas promessas como o substantivo daquilo

que cremos” (COSTA, 2001, p. 118)³⁵. As nossas orações são estimuladas pela Palavra. Daí a necessidade de um estudo piedoso e constante da Palavra de Deus:

Visto que Satanás está diariamente fazendo novos assaltos contra nós, é necessário que recorramos às armas, e é mediante a lei divina que somos munidos com a armadura que nos capacita a resistir. Portanto, quem quer que deseje perseverar em retidão e integridade de vida, então que aprenda a exercitar-se diariamente no estudo da Palavra de Deus; pois, sempre que alguém despreze ou negligencie a instrução, o mesmo cai facilmente em displicência e estupidez, e todo o temor de Deus se desvanece em sua mente (CALVINO, 1999, v. 1, p. 383)³⁶.

As promessas de Deus conforme registradas na Palavra se constituem, portanto, em estímulo à prática da oração. De modo inverso, se nos afastamos da Palavra, fatalmente nos afastaremos da oração:

Nada ocorre com mais frequência do que certo afrouxamento na solícitude e atenção à prática da oração, caso ela não seja nutrida pelo reconhecimento das promessas divinas (CALVINO, 1999, v. 1, p. 553).

6. A PALAVRA COMO FUNDAMENTO DE NOSSAS ORAÇÕES

Como vimos, aproximamo-nos de Deus na certeza de Sua paternidade; fomos adotados por Deus; somos Seus filhos: “[...] nela [adoção] se acham também fundadas todas as nossas orações” (CALVINO, 1999, v. 2, p. 610). A Palavra é

³⁵ Ver também Calvino (1999, v. 2, p. 658).

³⁶ Comentando o Salmo 1, Calvino (1999, v. 1, p. 53) interpreta: “[...] só são dignos estudantes da lei aqueles que se achegam a ela com uma mente disposta e se deleitam com suas instruções, não considerando nada mais desejável e delicioso do que extrair dela o genuíno progresso. Desse amor pela lei procede a constante *meditação* nela [...]”.

o nosso manual de oração (CALVINO, 1962, perg. 255). Os filhos de Deus oram conforme as Escrituras concedidas pelo Seu Pai. Orações estranhas às Escrituras, desprovidas de fé nas promessas de Deus, na realidade não são dirigidas a Deus. Logo não são respondidas:

O hipócrita e o ímpio, os quais oram sob a premência de momentânea necessidade, não são ouvidos. Pois não se pode dizer que se chegam a Deus, quando não possuem fé fundada em sua Palavra, e, sim, numa mera e vaga expectativa de um resultado fortuito. Antes de nos aproximarmos aceitavelmente de Deus em oração, é necessário que suas promessas se nos façam conhecidas, sem as quais não pode haver qualquer acesso a Ele, como se faz evidente à luz das palavras do apóstolo Paulo [Ef 3;12], onde ele nos diz que todos quantos se chegam a Deus devem antes estar revestido de fé em Cristo, numa proporção tal, que por ela se anime cheios de confiança (CALVINO, 1999, v. 2, p. 607-608).

As nossas orações devem ser dirigidas e orientadas pelas Escrituras.

A oração está propriamente fundamentada na Palavra de Deus. Não temos a liberdade, nesta matéria, de seguir as sugestões de nossa própria mente e arbítrio, mas devemos buscar a Deus somente até onde Ele nos convidou a aproximar-nos dele (CALVINO, 2002, v. 3, p. 457).

Em meio a várias aflições e perigos que nos conduzem à ansiedade, podemos ser tomados por sentimentos variados e dispersivos. Para que não caiamos, é necessário que a nossa fé seja direcionada para Deus, mantendo nossas “mentes fixas em Sua Palavra” (CALVINO, 1999, v. 2, p. 184). Seguindo o exemplo do salmista Davi, precisamos manter os nossos pensamentos “encerrados dentro dos limites da Palavra” (CALVINO, 1999, v. 2, p. 184-185). Portanto, para que os nossos sentimentos não sejam dominados por desejos circunstanciais que nos afastem do verdadeiro espírito da oração, devemos suplicar, como fez Davi “que as promessas de Deus sejam profundamente impressas e esculpidas em seu coração” (CALVINO, 1999, v. 1, p. 541).

7. A TEOLOGIA E O DESENVOLVIMENTO DA PIEDADE

A erudição unida à piedade e aos demais dotes do bom pastor, são como uma preparação para o ministério. Pois, aqueles que o Senhor escolhe para o ministério, equipa-os antes com essas armas que são requeridas para desempenhá-lo, de sorte que lhe não venham vazios e despreparados (CALVINO, 1989, IV.3.11).

João Calvino (1998a, p. 164-165), comentando o texto de 1Tm 6:3³⁷, diz que

[a doutrina] só será consistente com a piedade se nos estabelecer no temor e no culto divino, se edificar nossa fé, se nos exercitar na paciência e na humildade e em todos os deveres do amor.

Estamos convencidos de que a genuína piedade bíblica (εὐσέβεια)³⁸ começa pela compreensão correta do mistério de Cristo, conforme nos diz Paulo:

Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória (1Tm 3:16).

A piedade era a tônica do ministério pastoral de Paulo. É deste modo que ele inicia a sua Carta a Tito: “Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, *para promover* (κατά)³⁹ a fé que é dos *eleitos* (ἐκλεκτός)⁴⁰ de Deus e o

³⁷ “Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade, é enfatuido, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas, altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro” (1Tm 6:3-5).

^{38*} At 3:12; 1Tm 2:2, 3;16, 4:7,8, 6:3,5,6,11; 2Tm 3:5; Tt 1:1; 2Pe 1:3,6,7, 3:11.

³⁹ κατά, quando estabelece relação, tem o sentido de “de acordo com a”, “com referência a”. No texto, pode ter o sentido de “segundo a fé que é dos eleitos”, “no interesse de”, “promover” etc. (Mc 7:5; Lc 1:9,38, 2:22,24,29; Jo 19:7; At 24:14; Cl 1:25,29; 2Tm 1:1,8,9; Hb 7:5).

^{40*} Mt 22:14, 24:22,24,31; Mc 13:20,22,27; Lc 18:7, 23:35; Rm 8:33, 16.13; Cl 3:12; 1Tm 5:21; 2Tm 2:10; Tt 1:1; 1Pe 1:1, 2:4; 1Pe 2:6,9; 2Jo 1:13; Ap 17:14.

pleno conhecimento da verdade segundo a piedade” (Tt 1:1). Portanto, devemos indagar sempre a respeito de doutrinas consideradas evangélicas, se elas, de fato, contribuem para a piedade. A genuína ortodoxia será plena de vida e piedade.

Paulo diz que é apóstolo da parte de Jesus Cristo comprometido com a fé que é dos eleitos de Deus. O seu ensino tinha o propósito – diferentemente dos falsos mestres, que se ocupavam com fábulas e mandamentos procedentes da mentira (Tt 1:14)⁴¹ – de promover a fé dos crentes em Cristo Jesus. A fé que é dos eleitos, portanto, deve ser desenvolvida no “*pleno conhecimento (ἐπίγνωσις)*”⁴² da *verdade (ἀλήθεια)*”. Ou seja, a nossa salvação se materializa em nosso conhecimento intensivo e qualitativamente completo da verdade. Contudo, esse conhecimento da verdade, longe de arrogante e auto-suficiente, está relacionado com a piedade: “segundo a *piedade (εὐσέβεια)*”⁴³. O verdadeiro conhecimento de Deus é cheio de piedade. Piedade caracteriza a atitude correta para com Deus, englobando temor, reverência, adoração e obediência, bem como um relacionamento justo como o nosso próximo. Ela é a palavra para a verdadeira religião (cf. BARCLAY, 1988, p. 73-80). Paulo diz que a piedade para tudo é proveitosa, não havendo contra-indicação:

Pois o exercício físico para pouco é *proveitoso (ὀφέλιμος)*, mas a piedade para tudo é *proveitosa (ὀφέλιμος)*⁴⁴, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser (1Tm 4:8).

Por isso, Timóteo, com o propósito de realizar a vontade de Deus, deveria exercitá-la com a perseverança de um atleta

⁴¹ “E não se ocupem com fábulas judaicas, nem com mandamentos de homens desviados da verdade” (Tt 1:14).

^{42*} Rm 1:28, 3:20, 10:2; Ef 1:17, 4:13; Fp 1:9; Cl 1:9,10, 2:2, 3:10; 1Tm 2:4; 2Tm 2:25, 3:7; Tt 1:1; Fm 6; Hb 10:26; 2Pe 1:2,3,8, 2:20.

^{43*} At 3:12; 1Tm 2:2, 3:16, 4:7,8, 6:3,5,6,11; 2Tm 3:5; Tt 1:1; 2Pe 1:3,6,7, 3:11.

⁴⁴ Esse substantivo que, no Novo Testamento só é empregado por Paulo, é aplicado às boas obras (Tt 3:8) e à Palavra inspirada de Deus em sua aplicação às nossas necessidades (2Tm 3:16).

(1Tm 4:7)⁴⁵; segui-la como alguém que persegue um alvo, e a convicção e o zelo com os quais o próprio Paulo perseguiu a Igreja de Deus (Fp 3:6): “Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas; antes, *segue* (διώκω)⁴⁶ a justiça, a *piedade* (εὐσέβεια), a fé, o amor, a constância, a mansidão” (1Tm 6:11, grifo nosso). O tempo presente do verbo indica a progressividade que deve caracterizar essa busca pela piedade.

Calvino (1985, I.5.9) entende que o conhecimento verdadeiro do verdadeiro Deus traz como implicação necessária, a piedade e a santificação:

[...] deve observar-se que somos convidados ao conhecimento de Deus, não àquele que, contente com vã especulação⁴⁷, simplesmente voluteia no cérebro, mas àquele que, se é de nós retamente percebido e finca pé no coração, haverá de ser sólido e frutuoso⁴⁸.

Em outro lugar, acrescenta:

[...] Jamais o poderá alguém conhecer devidamente que não apreenda ao mesmo tempo a santificação do Espírito. [...] A fé consiste no conhecimento de Cristo. E Cristo não pode ser co-

⁴⁵ “Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas caducas. *Exercita-te* (γυμνάζω), pessoalmente, na piedade” (1Tm 4:7). Γυμνάζω é aplicada ao exercício próprio de atleta. No Novo Testamento, a palavra é usada metaforicamente, indicando o treinamento que pode ser utilizado para o bem ou para o mal (* 1Tm 4:7; Hb 5:14,12:11; 2Pe 2:14).

⁴⁶ Διώκω é utilizada sistematicamente para aqueles que perseguiram a Jesus, os discípulos e a Igreja (Mt 5:10-12; Lc 21:12; Jo 5:16, 15:20). Lucas emprega esse mesmo verbo para descrever a perseguição que Paulo efetuou contra a Igreja (At 22:4, 26:11; 1Co 15:9; Gl 1:13,23; Fp 3:6), sendo também a palavra utilizada por Jesus Cristo quando pergunta a Saulo do porquê de sua perseguição (At 9:4-5, 22:7-8, 26:14-15). Paulo diz que prosseguia para o alvo (Fp 3:12,14). O escritor de Hebreus diz que devemos perseguir a paz e a santificação (Hb 12:14). Pedro ensina o mesmo a respeito da paz (1Pe 3:11).

⁴⁷ Ver Calvino (1985, I.14.4).

⁴⁸ “[...] Importa se nos transfunda ela [a doutrina] ao coração e se nos traduza no modo de viver, e, a tal ponto a si nos transforme, que nos não seja infrutuosa. Se, com razão, se incendem os filósofos contra aqueles que, em professando uma arte que lhes deva ser a mestra da vida, a convertem em sofisticada loquacidade, e os alijam ignominiosamente de sua grei, de quão melhor razão haveremos de detestar estes fúteis sofistas que se contentam em revoltear o Evangelho no topo dos lábios, Evangelho cuja eficácia devera penetrar os mais profundos afetos do coração, arraigar-se na alma e afetar o homem todo, cem vezes mais do que as frias exortações dos filósofos” (CALVINO, 1989, III.6.4).

nhecido senão em conjunção com a santificação do Seu Espírito. Segue-se, conseqüentemente, que de modo nenhum a fé se deve separar do afeto piedoso (CALVINO, 1989, III.2.8).

Resume: “O conhecimento de Deus é a genuína vida da alma [...]” (CALVINO, 1998b, p. 136-137).

O verdadeiro conhecimento de Deus conduz-nos à piedade, e esta é a sua evidência:

Paulo sustenta que aquele falso conhecimento que se exalta acima da simples e humilde doutrina da piedade não é de forma alguma conhecimento (CALVINO, 1998a, p. 186).

A única coisa que, segundo a autoridade de Paulo, realmente merece ser denominada de *conhecimento* é aquela que nos instrui na confiança e no temor de Deus, ou seja, na *piedade* (CALVINO, 1998a, p. 187).

É, no entanto, possível forjar uma aparente piedade – conforme os falsos mestres que, privados da verdade, o faziam pensando em obter lucro (1Tm 6:5)⁴⁹ –, contudo esta carece de poder e da alegria resultantes da convicção de que Deus supre as nossas necessidades. Logo, esses falsos mestres não conhecem o “lucro” da piedade:

De fato, grande *fonte de lucro* (πορισμός) é a *piedade* (ἔυσέβεια) com o *contentamento* (αὐτόρκεια)⁵⁰ = “suficiência”, “satisfação”). Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele. Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes (1Tm 6:6-8; 2Tm 3:5, grifo nosso)⁵¹.

⁴⁹ “Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade, é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas, altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é *fonte de lucro* (πορισμός)” (1Tm 6:3-5, grifo nosso).

⁵⁰ 2Co 9:8; 1Tm 6:6.

⁵¹ “Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, *tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder*. Foge também destes” (2Tm 3:1-5, grifo nosso).

Todo o conhecimento cristão deve vir acompanhado de piedade (1Tm 3:16; 1Tm 6:3⁵²; Tt 1.1). A piedade deve estar associada a diversas outras virtudes cristãs a fim de que seja frutuosa no pleno conhecimento de Cristo (2Pe 1:6-8)⁵³. A nossa certeza é que Deus nos concedeu todas as coisas que nos conduzem à piedade. Ele exige de nós, os crentes, “o uso diligente de todos os meios exteriores pelos quais Cristo nos comunica as bênçãos da salvação” (CATECISMO MENOR DE WESTMINSTER, 1991, perg. 85) e que não negligenciemos os “meios de preservação” (CONFISSÃO DE WESTMINSTER, 1991, XVII.3). Portanto, devemos utilizar de todos os recursos que Deus nos forneceu com este santo propósito:

Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à *piedade* (ἐυσέβεια), pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude (2Pe 1:3) (cf. COSTA, 2000, p. 15-48, grifo nosso).

A piedade como resultado de nosso relacionamento com Deus deve ter o seu reflexo concreto dentro de casa, sendo revelada pelo tratamento que concedemos aos nossos pais e irmãos:

[...] se alguma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiro a *exercer piedade* (εὐσεβέω) para com a própria casa e a recompensar a seus progenitores; pois isto é aceitável diante de Deus (1Tm 5:4, grifo nosso)⁵⁴.

⁵² “Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória.” (1Tm 3:16). “Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e *com o ensino segundo a piedade*, é enfatuado, nada entende, mas tem mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas, altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade, supondo que a piedade é fonte de lucro” (1Tm 6: 3-5, grifo nosso).

⁵³ “Por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a *piedade* (ἐυσέβεια); com a *piedade* (ἐυσέβεια), a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo” (2Pe 1:5-8, grifo nosso).

⁵⁴ “Seria uma boa preparação treinar-se para o culto divino, pondo em prática deveres domésticos piedosos em relação a seus próprios familiares” (CALVINO, 1998a, p. 131).

Nunca o nosso trabalho, por mais relevante que seja, poderá se tornar num empecilho para a ajuda aos nossos familiares. A genuína piedade é caracterizada por atitudes condizentes para com Deus (reverência) e para com o nosso próximo (fraternidade). Curiosamente, quando o Novo Testamento descreve Cornélio, diz que ele era um homem “*piadoso* (εὐσεβής) e temente a Deus [...] e que fazia muitas esmolas ao povo e de contínuo orava a Deus” (At 10;2, grifo nosso). A piedade é, portanto, uma relação teologicamente orientada do homem para com Deus em sua devoção e reverência, e a sua conduta é bíblicamente ajustada e coerente com o seu próximo. A piedade envolve comunhão com Deus e o cultivo de relações justas com os nossos irmãos. “A obediência é a mãe da piedade”, resume Calvino (CALVIN, 1996, v. 2, p. 453).

A piedade é desenvolvida por meio de nosso crescimento na graça. A graça de Deus é educativa:

Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, *educando-nos* (παιδεύω) para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos no presente século, sensata, justa e *piadosamente* (εὐσεβῶς) (Tt 2:11-12, grifo nosso).

A piedade autêntica traz consigo os perigos próprios resultantes de uma ética diferente deste século, moldada pelos princípios da Palavra: “Ora, todos quantos querem viver *piadosamente* (εὐσεβῶς)⁵⁵ em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3:12, grifo nosso). No entanto, há o conforto expresso por Pedro às Igrejas perseguidas: “[...] o Senhor sabe livrar da *provação* [πειρασμός = “tentação”] os *piadosos* (εὐσεβής) [...]” (2Pe 2:9, grifo nosso).

A piedade não pode estar dissociada da fé que confessa que Deus é o autor de todo o bem. Portanto, podemos não descansar sendo conduzidos pela Sua Palavra (cf. CALVIN, 1996, v. II, p. 422).

Hoje, quando parece de forma mais evidente uma tendência na igreja de desvincular a doutrina da vida – como se

⁵⁵ Esse advérbio só ocorre em dois textos do Novo Testamento: 2Tm 3:12 e Tt 2:12.

fossem verdades estanques —; como teólogos que somos, mais do que nunca, devemos estar comprometidos com essa relação coessencial, tornando-a uma realidade coexistencial e, portanto, assunto perene de nosso ensino.

A doutrina, portanto, não é apenas para o nosso deleite espiritual e reflexivo, antes exige de forma imperativa um compromisso de vida e obediência. “O fim de um teólogo não pode ser deleitar o ouvido, senão confirmar as consciências ensinando a verdade e o que é certo e proveitoso”, declarou incisivamente Calvino (1985, I.14.4).

A Teologia deverá estar sempre comprometida com o conhecimento de Deus e com a promoção desse conhecimento por meio da Palavra, mediante a iluminação do Espírito. É o Espírito Quem nos conduz à Palavra, e Ele mesmo nos dá a conhecer a Cristo nas Escrituras. Calvino (1997b, p. 374) resumiu bem esse conceito dizendo:

Só quando Deus irradia em nós a luz de seu Espírito é que a Palavra logra produzir algum efeito. Daí a vocação interna, que só é eficaz no eleito e apropriada para ele, distingue-se da voz externa dos homens.

REFERÊNCIAS

BARCLAY, W. *Palavras chaves do novo testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1988. (reimpressão).

BARTH, K. *La proclamacion del Evangelio*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1969.

BERKHOF, H. *La doctrina del Espiritu Santo*. Buenos Aires: Junta de Publicaciones de las Iglesias Reformadas, Editorial La Aurora, 1969.

BIÉLER, A. *O pensamento econômico e social de Calvino*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990.

CALVIN, J. *L’Institution Chrétienne*. Genève: Labor et Fides, 1955.

CALVIN, J. *Golden booklet of the true Christian life*. 6. ed. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1977.

_____. *Calvin's commentaries*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House Company, 1996.

_____. *To the Marchioness of Rothelin*. Albany, OR: Ages Software, 1998. ("Letters" *John Calvin Collection*, n. 489 – CD-ROM).

CALVINO, J. *As Institutas da Religião cristã*: edição especial com notas para pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, 4v.

_____. *Catecismo de la Iglesia de Ginebra*: In: _____. *Catecismos de la Iglesia Reformada*. Buenos Aires: La Aurora, 1962.

_____. *As Institutas*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985. v. I e II.

_____. *As Institutas*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1989. v. III e IV.

_____. *Exposição de 2 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 1995.

_____. *Exposição de 1 Coríntios*. São Paulo: Paracletos, 1996.

_____. *Exposição de Hebreus*. São Paulo: Paracletos, 1997a.

_____. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Paracletos, 1997b.

_____. *As Pastorais*. São Paulo: Paracletos, 1998a.

_____. *Efésios*. São Paulo: Paracletos, 1998b.

_____. *O Livro dos Salmos*. São Paulo: Parakletos, 1999. v. 1 e 2.

_____. *O profeta Daniel: 1-6*. São Paulo: Parakletos, 2000. v. 1.

_____. *O Livro dos Salmos*. São Paulo: Parakletos, 2002. v. 3.

_____. *Instrução na fé: princípios para a vida cristã*. Goiânia: Logos, 2003.

CAMPOS, H. C. de. A “Filosofia Educacional” de Calvino e a Fundação da Academia de Genebra. *Fides Reformata*, São Paulo, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, v. 5, n. 1, 2000.

CATECISMO MENOR DE WESTMINSTER. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991. (Edição especial).

CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia*. Teologia e filosofia. São Paulo: Candeia, 1991. v. II.

CONFISSÃO DE WESTMINSTER. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1991. (Edição especial).

COSTA, H. M. P. da. A Palavra e a Oração como Meios de Graça. *Fides Reformata*, São Paulo, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, v. 5, n. 2, 2000.

_____. *O Pai Nosso: a oração do Senhor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

_____. *A eleição de Deus: considerações bíblicas, teológicas e pastorais*. São Paulo, 2007. Mimeografado.

DOWEY JR., E. A. *The knowledge of God in Calvin's theology*. New York: Columbia University Press, 1952.

FERGUSON, S. B. *O Espírito Santo*. São Paulo: Os Puritanos, 2000.

GEORGE, T. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1994.

GOMES, C. F. *Antologia dos santos padres*. 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Paulinas, 1980.

HALSEMA, T. B. van. *João Calvino era assim*. São Paulo: Vida Evangélica, 1968.

HALVERSON, R. C. *Introdução da obra de Richard Baxter, O pastor aprovado*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1989.

HESSELINK, I. J. O Movimento Carismático e a Tradição Reformada. In: MCKIM, D. K. (Ed.). *Grandes temas da Teologia Reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1999.

LLOYD-JONES, D. M. *Deus o Espírito Santo*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1998.

MCGRATH, A. E. *A life of John Calvin: a study in the Shaping of Western Culture*. Oxford, UK, Cambridge, USA.: Blackwell Publishers, 1991.

_____. *Christian Theology: an introduction*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994.

MCKEE, E. A. (Ed.). *John Calvin: writings on Pastoral Piety*. New York, NJ: Paulist Press, 2001.

MURRAY, J. *Calvin as Theologian and Expositor*. Carlisle, Pennsylvania: The Banner of Truth Trust, 1976. (Collected Writings of John Murray, v. I).

_____. *Introdução à tradução americana da Instituição*. Albany, OR: Ages Software, 1998. (*Reformation History Library* – CD-ROM).

O DIRETÓRIO DE CULTO DE WESTMINSTER. São Paulo: Os Puritanos, 2000.

PARKER, T. H. L. *Calvin's New Testament commentaries*. 2. ed. Louisville, Kentucky: Westminster, John Knox Press, 1993.

REID, W. S. Calvinismo. In: ELWELL, W. A. (Ed.). *Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988-1990. v. I.

_____. Bernard of Clairvaux in the Thought of John Calvin: In: GAMBLE, R. C. (Ed.). *Articles on Calvin and calvinism*. New York, London: Garland Publishing, Inc., 1992.

SCHAFF, P. *The Creeds of Christendom*. 6. ed. rev. and enlar. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1931. 3 v.

SCHAFF, P.; SCHAFF, D. S. *History of the Christian Church*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1996. 8 v.

SILVA, M. Em favor da hermenêutica de Calvino: In: KAISER J. R., W. C.; SILVA, M. *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

TAMBURELLO, D. E. *Union with Christ: John Calvin and the mysticism of St. Bernard*. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1994.

TAWNEY, R. H. *A religião e o surgimento do capitalismo*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

WALLACE, R. S. *Calvin, Geneva and the Reformation*. Grand Rapids, Michigan, Edinburgh, UK.: Baker Book House/Scottish Academic Press, 1990.

WARFIELD, B. B. *Calvin and Augustine*. Philadelphia: Presbyterian & Reformed Publishing, 1956.

WEINRICH, W. C. Gregório de Nazianzo: In: ELWELL, W. A. (Ed.). *Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988-1990. v. II.